CENTRO UNIVERSITÁRIO DE PATOS – UNIFIP

CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

VIVIAN SANTOS FARIAS

A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES EM RELAÇÃO À INFIDELIDADE NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO EM ANÁLISE DE DISCURSO

CAMPINA GRANDE/PB

2022

VIVIAN SANTOS FARIAS

A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES EM RELAÇÃO À INFIDELIDADE NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO EM ANÁLISE DE DISCURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelas Faculdades Integrada de Patos –FIP - CG.

Orientador (a): Prof. Dr. Edgley Duarte de Lima

CAMPINA GRANDE/PB

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca FIP

Farias, Vívian Santos.
F530p A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES EM RELAÇÃO À INFIDELIDADE NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS CONTEMPORÂNEOS: um estudo em análise de discurso./ Vívian Santos Farias. – Campina Grande – PB: FIP, 2022.
31 fls.

Orientador (a): Prof. Dr. Edgley Duarte
Monografia Graduação Bacharelado em Psicologia

1. Virilidade; 2. Machismo; 3. Traição; 4. Relações extraconjugais; 5. Relacionamentos. I. Título II. Faculdades Integradas de Patos – FIP.

FIP/BC CDU: 159.9

Francisco das Chagas Leite – Bibliotecário. CRB 15/0076

VIVIAN SANTOS FARIAS

A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES EM RELAÇÃO À INFIDELIDADE NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO EM ANÁLISE DE DISCURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia pelas Faculdades Integrada de Patos –FIP - CG. **Orientador (a):** Prof. Dr. Edgley Duarte de Lima

Conceito: Aprovado Data: 08/06/2022

Edgley Duarte de Lima
Prof. Dr. Edgley Duarte de Lima *(Orientador)*

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa.
Prof. Dr. Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa *(Examinador interno)*

Anna Karenyna Guedes de Morais Lima
Prof. Ma. Anna Karenyna Guedes de Morais *(Examinador interno)*

CAMPINA GRANDE/PB

2022

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar, dedico e agradeço a Deus por sempre estar do meu lado em todos os momentos, me capacitando e guiando para que hoje essa graça fosse alcançada. Dedico também, aos meus familiares, amigos, orientador Dr. Edgley Duarte e, a todo o meu esforço durante estes cinco anos, afim de concretizar esse sonho!

AGRADECIMENTOS

Hoje, me dou conta que encerro mais um ciclo na qual foi tão sonhado e desejado. Foram cinco anos de muito aprendizado e, principalmente, de grandes emoções. Passei por diversas situações durante esses anos, foram momentos de: alegria, tristeza, desafios, descobertas, medo, dúvidas e persistência. Onde, muita das vezes precisei buscar forças para reerguer-me e continuar a caminhada.

A graduação trouxe a oportunidade de conhecer novas pessoas e de estreitar laços com as outras. Logo, a caminhada não foi fácil, mas muitas pessoas me ajudaram de forma direta ou indireta e tiveram suas parcelas de contribuição na conclusão deste curso.

Minha eterna gratidão: A Deus e Nossa Senhora, pelo dom da vida e por me proporcionarem chegar até aqui. Por toda benção, cuidado e proteção diária durante estes cinco anos.

Aos meus pais Maria Verônica e Flávio Rodrigues, na qual, não tenho palavras suficientes para expressar a quão grata sou a vocês, por todo esforço e cuidado que fizeram e fazem por mim.

As minhas irmãs Thauanny e principalmente Vanessa por todo apoio e incentivo que me tornaram mais forte durante a vida acadêmica. A toda minha família, em especial a família materna que sempre estiveram ao meu lado me encorajando e instruindo para os melhores caminhos.

Ao meu namorado Diego, que me acompanha desde antes da graduação e sempre me estimulou e ajudou durante essa trajetória.

As minhas melhores amigas. Elas que estão sempre ao meu lado, que vibram com minhas conquistas como se fossem delas. Em especial Aline e Alisandra por me ajudarem nos segundos finais, para que tudo saísse da melhor forma.

As minhas colegas de curso, em especial as que sempre estiveram comigo da sala de aula aos estágios: Adrielly, Brenda, Danielle, Conceição, Gabi, Elaine, Zuleide, Euda, Patricia, Janiely e a todas as outras que foram chegando durante a caminhada.

Ao meu orientador Edgley, pela parceria do último ano. Por ter acreditado no meu potencial, por sempre estar me estimulando, auxiliando e compreendendo. Sou grata por sua confiança e pelos seus ensinamentos.

Aos meus professores por todos os ensinamentos dentro e fora da sala de aula, em especial a minha banca, durante esse percurso acadêmico.

Por fim, agradeço a todos que sempre estiveram em minha vida, contribuindo em cada detalhe para que tudo acontecesse da melhor forma possível.

EPÍGRAFE

“Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém”
(Romanos 11:36).

RESUMO

A masculinidade é uma produção sociocultural, que carrega em si as marcas do seu tempo e, principalmente, de como cada sociedade lida com as diferenças entre os sexos. Em consequência disso deve ser analisada a partir de diversos aspectos, principalmente, sociais, culturais e subjetivos. O objeto das masculinidades é, ainda, pouco investigado no âmbito das pesquisas acadêmicas, e menos ainda quando trazido à discussão o fenômeno da infidelidade como resultado dessa construção social. Com base nisso, o objetivo dessa pesquisa foi compreender de que forma a produção da masculinidade hegemônica se sustenta nas práticas de infidelidade, analisando discursos sobre a infidelidade e identificando o sofrimento causado pelas situações ocorridas dentro da relação, além de verificar como a infidelidade conjugal tem sido percebida no contexto contemporâneo. Os resultados apontam que a masculinidade apesar de ser consequência de uma construção social, tem passado por mudanças e trazido o surgimento de novos conceitos ao longo do tempo, tornando-se necessário mudanças de comportamento, rompimento de velhas crenças e costumes construídos a partir de uma sociedade machista e patriarcal. Além disso, reconhecemos que a infidelidade pode ser também resultado e consequência da supremacia masculina, da aversão ao feminino e do conceito tóxico e ultrapassado de masculinidade. Foi possível observar que mesmo esse comportamento sendo mais aceito, comum e naturalizado entre homens, até mesmo pela própria construção social, ele também ocorre entre as mulheres, embora os motivos que os levam a tal comportamento sejam bem distintos, e que o arrependimento feminino seja mais comum, vale ressaltar, que muitos homens reconhecem o comportamento transgressor por trás de tal ato e admitem que a prática também estar ligada a necessidade de provar a virilidade frente a sociedade muitas vezes à custa de sofrimentos psíquicos e sentimentos de dor, sendo necessário o rompimento desses valores arcaicos. O estudo fornece então subsídios teóricos para a compreensão de como a masculinidade hegemônica se sustenta no discurso da infidelidade, como a sociedade e o homem contemporâneo lidam com essa prática e com os dilemas sociais e morais dele.

Palavras-chave: virilidade; machismo; traição; relações extraconjugais; relacionamentos.

ABSTRACT

Masculinity is a sociocultural production, which carries the marks of its time and, mainly, of how each society deals with the differences between the sexes. As a result, it must be analyzed from several aspects, mainly social, cultural and subjective. The object of masculinities is still little investigated within the scope of academic research, and even less when the phenomenon of infidelity as a result of this social construction is brought up for discussion. Based on this, the objective of this research was to understand how the production of hegemonic masculinity is supported by infidelity practices, analyzing discourses about infidelity and identifying the suffering caused by situations that occur within the relationship, in addition to verifying how marital infidelity has perceived in the contemporary context. The results indicate that masculinity, despite being a consequence of a social construction, has undergone changes and brought the emergence of new concepts over time, making it necessary to change behavior, breaking old beliefs and customs built from a sexist and patriarchal society. In addition, we recognize that infidelity can also be a result and

consequence of male supremacy, aversion to the feminine and the toxic and outdated concept of masculinity. It was possible to observe that even though this behavior is more accepted, common and naturalized among men, even due to the social construction itself, it also occurs among women, although the reasons that lead them to such behavior are quite different, and that female regret is It is more common, it is worth mentioning, that many men recognize the transgressive behavior behind such an act and admit that the practice is also linked to the need to prove virility in front of society, often at the expense of psychic suffering and feelings of pain, requiring the break with these archaic values. The study then provides theoretical support for understanding how hegemonic masculinity is sustained in the discourse of infidelity, how society and contemporary man deal with this practice and with his social and moral dilemmas.

Keywords: virility; chauvinism; betrayal; extramarital relationships; relationships.

SUMÁRIO

1. Introdução **11**

2. Fundamentação teórica **14**

2.1. Infidelidade **14**

2.2. Psicologia Social Discursiva **15**

3. Método **18**

3.1. Material discursivo **18**

3.2. Codificação e análise **19**

4. Resultados e discussão **19**

5. Considerações finais **27**

Referências bibliográficas **28**

1. Introdução

Tomamos as masculinidades como uma produção sociocultural, que carrega em si as marcas do seu tempo e, principalmente, de como cada sociedade lida com as diferenças entre os sexos. Logo, a experiência do masculino deve ser analisada levando-se em consideração os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e subjetivos que são mobilizados para a sua significação. Segundo Connell (1995) "a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero".

O objeto das masculinidades é, ainda, pouco investigado no âmbito das pesquisas acadêmicas. É somente a partir da década de 1980, que os estudos sobre as masculinidades começaram a aparecer, especialmente, a partir da consolidação de dois importantes movimentos sociais: o primeiro deles refere-se ao movimento feminista e o seu questionamento radical às diferenças construída ao redor da diferenciação sexual e à dominação masculina como a estrutura das relações sociais. O segundo, por sua vez, diz respeito ao movimento LGBTQIA +, que, de um lado, pauta as suas reivindicações pela visibilização das identidades sexuais e de gênero não hegemônicas e, por outro, pela denúncia às diferentes formas de opressão, apoiadas em um padrão machista sobre o qual repousa a sociedade (Cordeiro & Brasilino, 2011; Connell & Messerschmidt, 2013; Lima, Medrado & Lyra, 2019; Medrado & Lyra, 2008; Medrado, 1997).

De acordo com Lima, Medrado, Lyra e Quirino (2020): "De fato, até a década de 1990, não havia estudos sistematizados em torno das masculinidades que apresentassem uma reflexão teórica, metodológica, epistêmica, política e ética mais consistente" (p.156). No entanto, Kimmel (2006) "ressalta que masculinidade não é uma essência inata que se revela como uma condição biológica, mas, um discurso socialmente construído, que se relaciona com aspectos culturais e que variam de acordo com a época".

Nesse sentido, consideramos que as masculinidades são socialmente construídas e não uma essência, mítica, eterna ou biológica que possa definir o sujeito. Kimmel (1998, p. 106) argumenta que: "isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança". Para ele, estas apresentam as seguintes características: 1) as masculinidades variam de acordo com as diferentes culturas, 2) no decorrer do tempo, elas se transformam dentro de uma mesma cultura, 3) mudam em todas as culturas, através de um conjunto de variáveis que contribuem para a sua identidade e 4) variam durante o decorrer da

história de vida de um mesmo sujeito.

A cientista social R. Connell (1997), no que lhe concerne, destaca o caráter relacional que é adquirido tanto pela masculinidade, quanto pela feminilidade, mostrando nos que:

> a masculinidade, se possível defini-la brevemente, é ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e as mulheres se comprometem com essa posição de gênero, e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (p. 35, tradução nossa, grifo nosso).

Mediante o que destacamos sobre as masculinidades, podemos identificar um ponto pouco discutido, porém, muito pertinente, que é o fenômeno da infidelidade como sendo um descumprimento de um compromisso de fidelidade nos relacionamentos contemporâneos. O homem está sempre em transformação, logo os contextos culturais e sócio histórico serão transformados, embora destaquemos que o fenômeno da infidelidade permanece sendo observado e praticado em diferentes meios. “Este se configura um ato contra as normas da sociedade patriarcal e judaico-cristã, inversa à prática monogâmica, que sempre teve como base a fidelidade ao cônjuge (Rocha & Cerqueira, 2016)”.

Diz respeito, ainda, a uma violação da exclusividade sexual esperada, implícita ou explícita, quando se inicia um relacionamento, incluindo não somente as práticas de cunho sexual, mas de envolvimento afetivo e de conexões emocionais (Blow & Hartnett, 2005). A infidelidade aparece quando ocorre o rompimento desse acordo sobre a exclusividade emocional e/ou íntima, ou seja, quando se compartilha o afeto com alguém fora da relação primária, sem o consentimento do parceiro (Fife, Gambescia & Weeks, 2008).

Dito isso, a infidelidade pode ser vista como algo que machuca, atravessa e rompe os ideais do compromisso, da paixão e da exclusividade mediante a relação. Dessa forma, a infidelidade quando exposta é cometida por um dos parceiros/as e acaba gerando um rompimento na relação. O ato pode causar um sofrimento no parceiro/a traído, gerando assim algumas consequências sociais, pessoais e/ou subjetivas. Logo, a infidelidade pode ser definida como uma: "violação das normas dos parceiros que regulam o nível emocional ou da intimidade física com pessoas fora do relacionamento" (Drigotas & Barta, 2001, p. 177).

O fenômeno se torna mais complexo e subjetivo, pelo fato de que duas pessoas podem apresentar representações diferentes do que se configura uma infidelidade. “Sabe se que a mesma pode se apresentar de diferentes formas e contextos, mas cada um delimita para si e para o seu relacionamento o que de fato a representa” (Hertlein, Piercy & Wetchler, 2005). “A

infidelidade tem sido subdividida principalmente de duas formas, a sexual, através de qualquer carícia, contato sexual ou toque íntimo, e a infidelidade emocional, quando uma conexão inicial é estabelecida com um flerte, por exemplo, mas evolui para um apaixonamento, aproximação íntima e troca de confidências" (Ahrndt, 2005; Glass, 2002).

As relações amorosas implicam, em certa medida, uma dinâmica complexa de atravessamentos e processos sociais e subjetivos. "Nesse caso, as relações amorosas também seriam fruto de uma construção social que afeta a todos, mas de formas diferenciadas, baseadas na subjetividade de cada sujeito" (Rocha & Cerqueira, 2016).

Atualmente, um reflexo nas relações é o caráter pessoal que tem se tornado cada vez mais superficial e até banal dentro dos relacionamentos. Decerto, corroboramos o que Bauman (2004) apresenta como relações líquidas traços da própria modernidade. De que forma a produção da masculinidade hegemônica se sustenta nas práticas da infidelidade? Em que medida esse modelo não somente legitima essa prática, mas recai sobre esses sujeitos como um imperativo de legitimação de suas experiências como homens?

Entende-se que por se tratar de um tema envolto de tabus e até mesmo de recriminações, ainda é pouco discutido no contexto científico e acadêmico (Rocha & Cerqueira, 2016). Mediante o que vimos sobre masculinidade, este estudo teve como objetivo compreender de que forma a produção da masculinidade hegemônica se sustenta nas práticas de infidelidade. Logo, entende-se que devido a uma cultura que valoriza a posição do homem como alguém forte, observa-se que constantemente ele precisa provar a sua masculinidade fazendo coisas indesejadas, por vezes, tendo que mostrar ou provar a alguém a sua virilidade. Assim, a prática da infidelidade pode ser uma chancela dessa expectativa social sobre o homem.

Por isso, ressaltamos a importância de investigar de que forma as produções em torno das masculinidades são mobilizadas nas relações conjugais mediante o fenômeno da infidelidade. Nesse sentido, este trabalho buscou especificamente analisar os discursos sobre a infidelidade; identificar o sofrimento causado pelas situações ocorridas dentro da relação e verificar como a infidelidade conjugal tem sido percebida no contexto contemporâneo. Para tanto, o método utilizado foi o de Análise de Discurso (AD), uma vez que analisamos o material discursivo que não foi produzido especificamente para essa pesquisa e sim materiais midiáticos de sites que apresentam o tema relacionado à infidelidade.

2. Fundamentação teórica

2.1. Infidelidade

A infidelidade tem sido um tema de discussão entre os pesquisadores da área há mais de 30 anos (Hertlein & Weeks, 2007). “Pesquisas têm demonstrado que a infidelidade pode ter efeitos negativos no casamento, podendo ser a experiência mais temida e devastadora de uma relação, inclusive, podendo levar a sua ruptura” (Pittman, 1994; Zordan & Strey, 2011). No entanto, destacamos que não estamos assumindo nenhum posicionamento moral sobre a prática da infidelidade, mas buscando entender como essa prática se relaciona com o modo de produção de masculinidade hegemônica.

Todavia, na atualidade, os relacionamentos se dão de uma forma particular e bastante distinta de tempos atrás, refletindo mudanças históricas de cada sociedade e cultura (Rocha & Cerqueira, 2020). Sobre isso, Santos e Oliveira (2018) afirmam que a sociedade se encontra, hoje, munida de uma reflexividade que permite que as práticas sociais sejam questionadas, reexaminadas e reformuladas constantemente. Esse processo ocorre a partir da informação adquirida, processada e divulgada acerca dessas mesmas práticas, num ciclo de renovação, causando alterações e mudanças sobre os comportamentos.

Rocha e Cerqueira (2020) argumentam que:

> Numa perspectiva ocidental, nenhum sujeito é mais obrigado a permanecer em uma relação contra sua vontade, quando esta passa a não mais satisfazê-lo. Pode-se dizer que o vínculo emocional passa a ser subjetivado, é particular, delimitado pelas expectativas e vivências de cada um, assim como pela sua satisfação diante do que é vivido. Tal vínculo ou parceria podem ser finalizados a qualquer momento que um dos pares assim queira, de forma unilateral. Apesar do vínculo emocional e da intimidade serem fatores fundantes e mantenedores de um relacionamento, este não se encontra imune a problemas que venham a desestruturar tal relação (p.68).

Hoje, não é possível garantir a durabilidade de uma relação, bem como a exclusividade sexual (Guedes & Assunção, 2006). Portanto, a experiência de infidelidade é subjetiva, considerada um fenômeno múltiplo e atravessado por questões pessoais por quem o pratica e por quem o vive (Hertlein, Piercy & Wetchler, 2005). Logo, podemos dizer que alguns comportamentos podem variar de acordo com as crenças, as formas de pensar e encarar a infidelidade em cada sujeito.

Para Pasini (2010), a infidelidade vem acontecendo cada vez com mais frequência e, com efeito, provocando mudanças que colocam em xeque o ideal de casamento perfeito, pois

haja vista que provoca tristeza, desapontamento e baixa autoestima aos envolvidos (Daspett & Horta, 2010). Além disso, pode ser um indicativo de que o sentimento que uniu, inicialmente, os parceiros, não perdurou ao longo do tempo ou se desgastou a ponto de a insatisfação conjugal prevalecer sobre o prazer de estar junto (Almeida, 2009, Mendonça, 2009 & Souza, Santos, 2009). "Por outro lado, a infidelidade nem sempre assume uma conotação negativa" (Pittman, 1994) e pode servir como um momento de crescimento e uma oportunidade criativa, mesmo com toda gama de sofrimento e de mudanças que provoca na vida dos parceiros (Pasini, 2010).

Nesse sentido, os apontamentos acerca da infidelidade masculina podem ser pensados dentro de uma gama de possibilidades, sendo a Psicologia Discursiva Social uma importante ferramenta de análise para o fenômeno em questão. A partir disso, apontaremos brevemente algumas questões a respeito de como a infidelidade masculina está arraigada dentro de uma mentalidade que não só a realiza, mas também a legitima enquanto prática.

2.2. Psicologia Social Discursiva

Os últimos anos da década de 1980, e a virada para a década de 1990, foram decisivos para a construção da Psicologia Discursiva como instrumento útil de análise à Psicologia Social. Foi nesse intervalo de tempo que a obra "Discurso e Psicologia Social" fora lançada, em 1987, pelos autores Jonathan Potter e Margareth Wetherell, em uma Universidade inglesa.

Até aqui, o número de trabalhos em torno do tema fora maximizado e apenas cinco anos depois, em 1992, outra obra, Psicologia Discursiva, contribuiu decisivamente para a consolidação do objeto em questão, pois lança mão de uma abordagem teórico metodológica. De acordo com Rasera (2013), "os autores revêem criticamente as pesquisas de memória e atribuição, como representantes de perspectivas cognitivas e sócio cognitivas, e apresentam o modelo Ação Discursiva" (p.4)

Entre os muitos debates que podem ser feitos em torno do conceito de Psicologia Discursiva, podemos determinar que, enquanto ciência, encontra-se dentro de uma epistemologia construcionista, isto é, identifica na linguagem um modelo dúbio de ação: em primeiro lugar, é responsável pela construção de uma determinada realidade em histórica e, em último caso, responsável também pela construção de uma dada realidade (Potter, 2000).

Destarte, a Psicologia Discursiva pode também ser apontada como parte da Segunda Revolução Cognitiva, seja pelo ineditismo, ou mesmo pelas suas relações teórico

metodológicas. Os deslocamentos epistemológicos inaugurados pela Psicologia Discursiva, de acordo com (Lima, 2018):

> [...] foram, e ainda o são, importantes, na medida em que servem como uma nova perspectiva de pesquisa empírica em psicologia e como um modelo alternativo para a compreensão dos fenômenos psicológicos e da expressão dos processos psicossociais (p.74).

Ao longo do tempo, podemos destacar que a Psicologia Discursiva sofreu inúmeras influências de outras áreas que possibilitaram chegar ao que temos hoje enquanto modo de produção do conhecimento. Podemos citar, por exemplo, a análise conversacional, a filosofia da linguagem, além da retórica. É importante dissertarmos sobre algumas delas, estabelecendo inclusive as aproximações e os distanciamentos dos modelos (Edwards, 2004; Wetherell, 1987; Potter, 1996;).

A análise conversacional estabeleceu caminhos empíricos para que se pudessem analisar discursos, especificamente almejando avaliar como a linguagem constitui uma ação. A retórica, por sua vez, busca pensar uma alternativa oposta ao que fora descrito pelo sujeito, cotejando descrições até que um caminho surja através dos cruzamentos dos contrapontos discursivos. E, por último, a filosofia da linguagem buscando pensar que o significado das palavras está em seu uso e não somente em um suposto objeto de referência (Rasera, 2013).

Mais do que apreender um discurso, a Psicologia Discursiva se volta para uma importante questão: o que faz o discurso? Essa mudança de olhar é uma das características dessa abordagem, haja vista que busca compreender:

> [...] de que maneira o discurso, identificado nas suas diferentes modalidades, produz versões e como estas, a partir de determinadas ações, são mobilizadas de maneira estável e coerente nas formas de apresentação de eventos, de fenômenos e do mundo. Tal premissa é ainda mais importante, visto que repercute na forma como as noções de sujeito, subjetividades e formas de construção da realidade são entendidas no âmbito de suas produções (Lima, 2018, p.75)

A Psicologia Social Discursiva é marcada por três tópicos: ação, construção e variabilidade. Primeiro, um pressuposto central do construcionismo, presente num artigo seminal de Gerden escrito na década de oitenta do século passado (Gergen,1985), é a ideia de que fazer uso da linguagem é uma forma de ação como qualquer outra, ação que produz os mais diversos efeitos sobre as relações sociais. Nesse sentido, estamos realizando ações quando narramos, descrevemos, argumentamos, explicamos situações e quando pensamos em diferentes traduções sobre o mundo.

Na psicologia social discursiva encontram-se três sentidos para a construção. Segundo Oliveira (2013, p. 479):

> Em primeiro lugar, esse termo procura destacar que nossos cursos sobre objetos, grupos sociais etc., são manufaturados de recursos linguísticos (termos, formas narrativas, lugares comuns etc.) já existentes. Em segundo lugar, refere-se ao fato de que, diante da existência de tão variados recursos linguísticos, nossas descrições envolvem inevitavelmente uma escolha; e como há diversas possibilidades, o mesmo fenômeno pode ser descrito de diferentes maneiras.

Por último, o termo construção é usado para evidenciar a ideia de que, na maior parte do tempo, temos acesso ao mundo (aos grupos sociais, aos eventos etc.) por meio de construções discursivas (Potter ecols, 1990). No terceiro tópico temos a variabilidade como um tema central na Psicologia Social Discursiva. Nessa perspectiva, como o discurso é construído e orientado para a ação, diferentes tipos de atividades produzirão mudanças na forma e conteúdo dos discursos. Em outras palavras, características individuais, eventos, grupos sociais serão descritos de diferentes maneiras como resultado de mudanças na orientação funcional (Potter et al, 1990).

A variabilidade que acontece nos discursos das pessoas, não se manifesta como algo que incomoda os teóricos discursivos. Como não se pressupõe que discursos são reflexos de atitudes, estruturas ou disposições dos sujeitos, também não se espera que seus discursos sejam coerentes e consistentes (Potter & Weterell, 1987). "A variabilidade teria relação também com a própria natureza do senso comum e dos seus temas em conflito" (Oliveira, ano, p.481).

Segundo Billig (1995), uma das maiores diferenças entre uma psicologia social discursivamente orientada e uma abordagem cognitivista diz respeito à questão da variabilidade. Para Billig (1991), a variabilidade nos discursos também ocorre porque, argumentam, as pessoas reproduzem em seus discursos as diversas concepções que estão em conflito no interior da sociedade, senso comum. A variabilidade, portanto, não seria somente uma consequência de considerações estratégicas ou da orientação funcional do discurso, tal como sugerem Potter e Wetherell (1987).

O esforço do presente trabalho, portanto, está dentro desse campo de análise, pois ao analisar os discursos de homens que já foram infiéis, buscamos problematizar suas falas e suas ações, compreendendo os seus discursos como parte das práticas sociais. Ademais, nos ajudará também a problematizar como essas ações geram conflitos internos dentro dos

relacionamentos para que possamos, enfim, percebermos como a infidelidade vem sendo percebida nos relacionamentos contemporâneos.

Essas possibilidades surgem diante daquilo que Psicologia Discursiva pretende propor: a releitura de discursos, os estudos acerca do discurso psicológico ligados ao senso comum, além de tratar questões psicológicas como responsabilidade e motivação, dois conceitos caros ao trabalho aqui proposto (Edwards, 2004). A fala do sujeito traz consigo escolhas, definições e opiniões nas entrelinhas, por vezes sustentando posições que não se fazem mostrar a priori, mas que somente nas entrelinhas poderão ser percebidas, afastando qualquer possibilidade de neutralidade dos discursos, haja vista que são concebidos através de uma realidade social que os permitem serem ditos.

Por fim, destacamos que o método utilizado pela Psicologia Discursiva se trata da Análise de Discurso que, por sua vez, está englobada dentro de um campo vasto do conhecimento científico, pois existem várias correntes teóricas que contribuíram com o tema, cada qual com sua abordagem específica, portanto deixamos claro que esse trabalho é diretamente influenciado pela escola anglo-saxã, como já fora proposto anteriormente, sobretudo através das referências supracitadas.

3. Método

3.1. Material discursivo

Trata-se de um trabalho de natureza eminentemente qualitativa, que fez uso do método da análise de discurso desenvolvido pelos teóricos da Psicologia Social Discursiva (Billig, 1985, 1987, 1991; Potter; Wetherell, 1987; Potter et al., 1990; Wetherell; Potter, 1992; Wetherell, 1996; Potter, 1996, Potter, 1998).

A Psicologia Discursiva surgiu no final dos anos 80 e é considerada relativamente recente. Seu desenvolvimento teórico-metodológico tem dado importantes contribuições para pensarmos o psicológico e suas construções, não mais a partir de uma perspectiva mentalista, de base cognitivista (Martínez-Guzmán, Stecher & Íñiguez-Rueda, 2016; Campos, 2012; Potter, 1998; Wethe- rell & Potter, 1992; Potter & Wetherell, 1987).

Portanto, nosso objetivo foi identificar e analisar materiais que tinham conteúdo relacionados ao tema, a produção de masculinidades em relação à infidelidade nos relacionamentos amorosos. A pesquisa realizada foi naturalista, uma vez que o material analisado é do tipo discursivo e não foi produzido especificamente para essa pesquisa. Foram

discutidos, ainda, o percurso e as escolhas de análise integrativa, discorrendo a respeito do conhecimento sobre o tema. Além disso, a identificação, a análise e a sistematização dos dados foram realizadas a partir das informações extraídas de materiais midiáticos de sites e blogs.

3.2. Codificação e análise

Com vistas ao levantamento do material, foram utilizadas algumas palavras chaves a respeito do tema a ser identificado neste estudo. Assim, foram utilizadas três palavras, 'infidelidade', 'traição' e 'masculinidade'. Com o objetivo de identificar e analisar as produções discursivas sobre a infidelidade no âmbito dos relacionamentos contemporâneos, analisamos as publicidades nos sites da revista Veja (2020 e 2021), UOL (2021) e Metrópoles (2021).

O material selecionado foi lido atenta e exaustivamente, passo fundamental para a codificação. Esse processo no método de análise de discurso desenvolvido pela Psicologia Social Discursiva, é apenas uma análise preliminar, cujo objetivo não é encontrar resultados, mas organizar as categorias determinadas pelos eixos de análise da pesquisa para estudos mais aprofundados (Potter; Wetherell, 1987; Gill, 2002). "Nessa perspectiva, ao invés de procurar algo que estaria além do discurso, algo que seria acessado por meio dele, daremos uma atenção especial ao modo como o discurso é construído, à sua forma de organização e às suas funções" (Potter; Wetherell, 1987; Gill, 2002).

O processo de seleção do material empírico foi realizado entre os meses de outubro de 2021 a março de 2022. Com as estratégias de busca, conseguimos identificar na página da Veja, através do seu endereço eletrônico: www.veja.abril.com.br, sobre os temas: Os homens não são todos iguais (2021) e masculinidade tóxica (2020). Em uma segunda busca, foi selecionado o material encontrado no site metrópoles, através do endereço eletrônico: www.metrópoles.com sobre o tema: "Caso Gabi Brandt: desvio de caráter realmente justifica traição"? (2021). Em terceira e última busca, o material selecionado foi do site UOL, do endereço eletrônico www.uol.com.br,sobre o tema: O que motiva as pessoas a traírem? É possível perdoar "pulada de cerca"? (2021).

Tais escolhas podem ser justificadas por duas razões: 1) a primeira refere-se a multiplicidades de notícias encontradas em várias páginas no processo de busca e 2) a segunda, por sua vez, pela centralidade que encontramos nos últimos anos, dos sites e revistas digitais que consideramos uma mídia de veiculação rápida e com diversos acessos.

4. Resultados e discussão

Os dados serão apresentados a seguir, a partir de uma categoria central: **A masculinidade e a infidelidade**, trazendo para discussão os diversos temas que perpassam através do tema em apreciação, visando o entendimento de como essa prática está ligada à figura masculina como uma chancela social de "homem de verdade". Além disso, buscamos pensar como a infidelidade acaba também sendo uma consequência desse conceito de masculinidade e de que forma esse comportamento afeta as relações e emoções do homem. Essa única categoria inclui diversas outras subcategorias que nos possibilitam uma ampla discussão acerca do tema proposto. Este tema será discutido com base em fragmentos de materiais midiáticos disponíveis on-line que apresentam o tema relacionado à infidelidade.

A masculinidade e a infidelidade

Fragmento 01: *"A necessidade de corresponder a parâmetros de masculinidade pesa sobre os homens."* (Masculinidade Tóxica, revista Veja, publicado em 19 de agosto de 2020). Nesse recorte podemos identificar que os homens são automaticamente pressionados a responder às expectativas sociais sobre sua masculinidade. Durante muito tempo, o patriarcado fez os homens acreditarem que para ser homem, *"homem de verdade"*, era preciso manter sob seu domínio a feminilidade (Oliveira & Fontenele, 2019), como em um processo de imposição às mulheres, que se fortalece do seu reconhecimento e aceitação (Santos, 2010). Logo, comportamentos considerados incomuns pela sociedade, para a figura masculina, construída a partir dos valores patriarcais, se tornam motivo de ironia, como o fato de alguns garotos não serem bons jogadores de futebol, ou não gostarem, sofrerem *bullying* com a famosa frase *"Joga que nem mulher"*, ou *"seja homem"*. Os homens são, recorrentemente, julgados em diversas áreas de suas vidas, a exemplo do fragmento acima: *"a necessidade de corresponder a parâmetros de masculinidade pesa sobre os homens"*, a partir do momento que se distanciam do padrão social. São, frequentemente, sentenciados por usarem roupas diferentes, gostarem de coisas não convencionais, respeitarem as suas relações, serem sustentados por suas mulheres e, por isso, nomeados *"gigolô",* ganharem menos que suas companheiras, além de tantos outros comportamentos que o distanciam do estereótipo masculino "ideal", como se houvesse uma verdadeira aversão ao feminino, fortalecendo assim, os modelos tradicionais de relações de gênero, que posicionam as mulheres no lugar de frágil e submissa, enquanto que os homens como o sexo forte, dominador e viril (Santos, 2010), como se houvesse uma cartilha que todo homem deve seguir pra ser considerado homem, trazendo um ideal cultural de masculinidade, questionado nos dias atuais, resultando

em um novo conceito de masculinidade tóxica, que veremos no fragmento a seguir.

Fragmento 02: *"O problema com o conceito de masculinidade tóxica é que ele não é aplicado apenas aos desvios e abusos, mas à própria essência masculina, como se ser homem implicasse automaticamente em comportamentos..."* (Os homens não são todos iguais, revista Veja, publicado em 19 de março de 2021).

O segundo fragmento aponta para a discussão de um conceito atual e, que, tem sido aplicado a homens que reproduzem essa masculinidade "ultrapassada", homens que traem, mentem, enganam e acabam criando uma dependência emocional em suas parceiras ou até mesmo estabelecendo relacionamentos abusivos. O machismo e a masculinidade tóxica são problemas que vêm sendo bastante discutidos na contemporaneidade, embora aqueles que estão submetidos sofrem, cotidianamente, os efeitos nocivos causados por eles (Martin Seligman, 2011).

O movimento feminista e LGBTQIA+ contribuiram para que o conceito de masculinidade fosse questionado na vida de muitos sujeitos. A partir disso, a sociedade tem começado a aceitar atitudes que seriam atacadas com comentários machistas como: *"mariquinha", "baitola"* ou *"viado",* os colocando na categoria de um estereótipo homossexual. Além disso, esses movimentos possibilitaram aos homens o questionamento de diversos aspectos de suas vidas, a satisfação afetiva e sexual das suas parceiras nas relações amorosas, uma maior participação na paternidade, cuidado com a saúde, auto imagem e outras questões (De Paula & Rocha, 2019).

Ainda assim, grande parte dos homens são resistentes e preferem manter os sintomas de uma masculinidade tóxica, impedindo-os de abandonar, por um lado, as práticas que antes serviam para defini-los e, por outro, abraçar novas possibilidades de existência. As altas taxas de feminicídios, abuso e violência, evidenciam que muitos desses homens não só não aceitam perder a supremacia masculina, sentindo-se ameaçados, e resolvendo tal conflito da forma que muitas vezes são ensinados desde pequenos, ou seja, com violência (Santos, 2010). Sendo a força e brutalidade as expressões do ser masculino enquanto que a falta deles os leva para um lugar de semelhança a traços de feminilidade, traços esses, em que se busca o afastamento e repressão. A seguir no próximo fragmento, falaremos mais sobre esses traços da feminilidade.

Fragmento 03: *"Tudo que é associado a mulher é demérito..."* (Masculinidade Tóxica, revista Veja, publicado em 19 de agosto de 2020).

A partir desse fragmento a gente pode trazer ao entendimento de como a identidade

masculina é construída, diante de uma pauta que não relaciona-se com uma mulher, e por isso precisam desenvolver e transmitir características demarcadas, para que seu papel social e superior mantenham forma (Silva, 2006). Aos homens cabem as características de liderança, racionalidade, força física, destreza, coragem, competitividade, pouca afetividade, virilidade, além de gostar de sexo, e ter *"uma boa performance na cama"*. Já as mulheres, por sua vez, devem ser o oposto da figura masculina, cuidadoras, recatadas, frágeis, flexíveis, delicadas, emocionais, subordinadas, restringindo-as ao espaço privado, e dando a eles o espaço público (Silva, 2006).

A noção de gênero para a sociedade está associada ao conceito do feminino como fragilidade ou submissão, e que ainda hoje justifica uma série de preconceitos. Por outro lado, a ideia de masculino, sempre esteve associada a racionalização, domínio e força (Beauvoir, 1949/2016). No próximo fragmento abordaremos alguns conceitos que geram efeitos sobre os sujeitos, e podem fazer com que eles exerçam comportamentos de risco ou indesejados, ou até mesmo se tornem seres infelizes, simplesmente para atender a avaliação social.

Fragmento 04: *"Houve um bem-casado que para não trair a mulher, pediu a profissional que mentisse, e passou a noite conversando com ela."*(Masculinidade Tóxica, revista Veja, publicado em 19 de agosto de 2020).

O fragmento acima nos mostra que nem sempre esse comportamento é aceito por todos os homens, existem aqueles que sofrem por ter que corresponder às expectativas sociais. Frases proferidas e replicadas para se referir a homens e meninos que *exibem atitudes frágeis ou expõe suas emoções*, estão a todo tempo levantando questionamentos, suspeitas, e colocando a prova a própria masculinidade, cobrança essa que se manifesta, principalmente, por atos violentos (Santos, 2010).

A respeito disso, Trevisan (1998) relata que: a cobrança por esse ideal de masculinidade é o que gera, paradoxalmente, a fragilidade masculina, quando contra sua vontade homens se veem obrigados a ter atitudes que não teriam. Essa pressão social acaba nos trazendo luz a uma discussão que tem tomado espaço até mesmo entre os homens, de que: *"a masculinidade é tóxica para os próprios homens".*

Os meninos são, desde cedo, educados a serem frios, insensíveis, altivos, opressores, poderosos, fortes, e viris, inclusive pelas mulheres, para que se tornem agressivos, competitivos, provedores e intolerantes com a manifestação de sentimentos e emoções. Existe um certo medo masculino de manifestar algum comportamento que lembre o campo emotivo

feminino, e por isso serem rotulados como "fracos" (Santos, 2010), ou quando levados aos seus limites serem obrigados a ouvir o péssimo ditado *"homem de verdade não chora".*

A grande problemática por trás dessa educação é que assim o poder do homem é socialmente legitimado, tendo a figura masculina como autoridade máxima, estabelecendo sempre relações de poder, principalmente, quando se trata da figura feminina (Gomes et al., 2007), já que a dominação masculina está muitas vezes associada a "liberdade" que esses têm em *tratar as mulheres como objetos sexuais* (Badinter, 2004). Dentro dessa perspectiva, a 'traição' masculina é justificada ora com base no seu desejo sexual incontrolável, a dita "natureza masculina", ora na incompatibilidade, entre suas 'necessidades' sexuais e as de sua parceira (Salem, 2004) e ainda há quem justifique a partir de um *"desvio de caráter"* ou como uma condição genética ou biológica. Abordaremos um pouco mais no fragmento a seguir.

Fragmento 05: *"De acordo com Clemilson Adriano, psicólogo e mestrando pelo departamento de educação e psicologia da Universidade de Aveiro, em Portugal, a maioria dessas manifestações começam a aparecer na infância. "Muito provavelmente, a pessoa que tem um desvio de caráter ela não desenvolveu isso de agora, isso vem ao longo do tempo, durante as fases de desenvolvimento quando ainda criança, explica"* ("Caso Gabi Brandt: desvio de caráter realmente justifica traição"?, revista Metrópoles, publicado em 29 de outubro de 2021).

Fragmento 06: *"De acordo com uma pesquisa publicada no periódico Evolution and Human Behavior feita por pesquisadores da Universidade de Queensland, na Austrália, a infidelidade pode ter relação até com variações genéticas. Os cientistas descobriram que essas alterações agem nos genes que produzem a vasopressina, um hormônio que atua na regulação do comportamento social como empatia, confiança e vínculo sexual. Feito com sete mil pessoas, 63% das variações comportamentais consideradas promíscuas nos homens puderam ser atribuídas aos genes. Já nas mulheres, esse número chegou a 40%"* (O que motiva as pessoas a traírem? É possível perdoar "pulada de cerca" ? Revista UOL, publicado em 18 de janeiro de 2021).

Ambos os fragmentos nos indicam a falta de consenso entre pesquisadores sobre as razões da traição, tamanha é a complexidade por trás desse comportamento. Há, nestas duas passagens, a mobilização do saber da genética para explicar as motivações que levam um sujeito à traição. Em outras palavras, o autor da matéria recorre ao discurso da ciência como

uma categoria de crédito para justificar a prática da infidelidade, embora reconheça a insuficiência dessa justificativa.

A naturalização desse comportamento tem se fundamentado nesse apontamento que o homem trai a partir dessa 'necessidade' fisiológica, sexual, que os condicionam a responder sinais do corpo, alegando que a "carne é fraca" (Salem, 2004), contribuindo dessa forma para que sejam infiéis. Portanto, é moralmente aceito pela sociedade que homens mantenham relações extraconjugais, onde não são julgados e nem condenados por tal comportamento. Em contrapartida, as mulheres, é visto como um ato intencional, de vontade deliberada, controlável e, por isso, condenável (Salem, 2004).

A partir disso, essa carência de sexo masculina pode estar associada a necessidade de transparecer virilidade, superação e potência, além da busca de corresponder ao discurso machista que participa da construção da identidade do menino desde sua infância, que internaliza e reproduz esse legado, muitas vezes, a custa de sofrimento psíquico (Costa & Cenci, 2014). Assim, estes são cobrados para ter relacionamentos sexuais com frequência e com diferentes mulheres, tornando-se, muitas vezes, uma das únicas formas que eles encontram para reafirmar a sua masculinidade (Nolasco, 1995).

Embora a infidelidade seja um tema delicado e que traga sofrimento a quem vive essas relações, este comportamento está presente em parte significativa dos relacionamentos amorosos (Costa & Cenci, 2014), visto que muitos consideram *"normal se sentir atraídos por outras pessoas"* e distinguem o ato de pensar do ato de agir, *"uma coisa é pensar, outra coisa é você ir de fato fazer aquilo"* (Revista UOL, publicado em 18 de janeiro de 2021).

No entanto, esse discurso normativo serve para justificar e isentar da culpa por tal prática realizada, pois trata-se de um discurso egoísta e individualista, onde centraliza a discussão apenas a pessoa a qual pratica o ato e esquece que uma relação é formada por dois indivíduos que possuem pensamentos e convicções diferentes. A traição é responsabilidade do traidor, com um caráter negativo e transgressor e que na maioria das vezes leva ao fim dos relacionamentos (Costa & Cenci, 2014). Portanto, existem outras causas para a traição, sendo elas: subjetivas e sociais que leva a prática dentro do relacionamento amoroso. Abaixo será discorrido sobre a infidelidade diante das discussões feitas por determinados autores.

Fragmento 07: *"Para Navarro, trair não tem nada a ver com mau-caratismo e está ligada a questões de gênero e machismo. "Exclusividade sexual nunca foi cobrada do homem", afirma. Um estudo publicado em 2016 pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das*

clínicas da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo), em parceria com a Pfizer, mostrou que homens traem mais que as mulheres. Os pesquisadores ouviram três mil brasileiros e os resultados mostram que 50,5% dos homens admitiram que já pularam a cerca ao longo dos relacionamentos. Já para o sexo feminino, o número foi de 30,2%." (O que motiva as pessoas a traírem? É possível perdoar "pulada de cerca"? Revista UOL, publicado em 18 de janeiro de 2021).

Este fragmento nos traz à lembrança de que essa prática não é exclusiva dos homens, embora diversos estudos realizados em culturas distintas ressaltam o fato de que os homens traem mais que as mulheres (Féres-Carneiro, 2003). Esse número de 30,2% de mulheres infiéis, sendo bem mais baixo que o de homens, pode estar relacionada às diferenças no posicionamento entre homens e mulheres frente a traição, homens de forma consciente justificam a traição por vontade, tesão, oportunidade, "galinhagem", natureza masculina e instinto, já entre as mulheres os motivos perpassam a insatisfação com o parceiro, falta de amor, necessidade de melhora na autoestima, vingança, além de não se sentirem desejadas pelos parceiros (Goldenberg, 2011).

Entretanto outros fatores podem estar relacionados a infidelidade masculina, entre eles: os aspectos sociais e as crenças que legitimam a traição masculina, sendo consequência da visão machista e patriarcal que consolida a personalidade de crianças, que depois de adultos, normalizam esse comportamento em suas relações (Apellániz, Scheeren e Wagner, 2018). Em uma investigação realizada por Goldenberg (2000), mulheres foram as que mais relataram sentimento de culpa pela traição, demonstrando então a diferença de sentimentos associados à infidelidade masculina e feminina (Carneiro et al., 2003).

Apesar disso, vale ressaltar que: a infidelidade masculina por ser mais aceita culturalmente diante da feminina, é vista como negativa para muitos homens, pois o comportamento destrói a relação, gera sentimentos de arrependimento/culpa, e que, apesar de parecer uma atitude banal, muitos questionam-se sobre os motivos da infidelidade, gerenciando o sentimento de arrependimento e o desejo de mudar a conduta do transgressor (Costa & Cenci, 2014), romper com a necessidade de demonstrar virilidade a partir dessa conotação machista, deixar de lado os velhos costumes que constroem uma masculinidade tóxica e que muitas vezes acarretam em sofrimento psíquico.

O grande dilema é que homens e mulheres traem, sendo mais comum encontrar pessoas onde já tiveram uma relação extraconjugal a pessoas fiéis (Goldenberg, 2011), mas o

que explica ou justifica a traição? Podendo ser compreendido logo a seguir.

Fragmento 08: *"Porque as pessoas traem?"* (O que motiva as pessoas a traírem? É possível perdoar "pulada de cerca"? Revista UOL, publicado em 18/01/2021).

Esse fragmento traz o questionamento final e ainda com respostas inconclusivas, e cheia de dilemas morais por trás dessa pergunta. Para Drigotas, Safstrom e Gentilia (1999) existem cinco categorias para justificar a infidelidade: "(a) satisfação sexual: onde há busca pela variedade sexual ou devido incompatibilidade sexual com o parceiro(a); (b) satisfação emocional: na qual o foco é um novo relacionamento; (c) contexto social: incluindo variáveis como oportunidade ou separação física do companheiro(a); (d) normas e atitudes: relacionadas a normas sociais, como permissividade sexual; e (e) por fim, vingança/hostilidade: são associadas ao desejo de revidar à traição sofrida" (p. 509-524).

Nessa perspectiva, também na tentativa de encontrar justificativa para tal ato, Barta e Kiene (2005) investigaram 451 estudantes universitários norte-americanos sobre as motivações para a infidelidade relatando quatro justificativas principais: "(a) insatisfação com o parceiro(a); (b) negligência e falta do parceiro(a) no relacionamento; (c) raiva, desejo de punir o parceiro(a); e (d) sexo, interesse em variedade e maior frequência sexual" (p. 339-360).

Como podemos observar a insatisfação com o parceiro parece ser a principal justificativa para a prática da infidelidade em ambos os estudos e os resultados obtidos revelam que as mulheres tendem a ser mais instigadas por questões emocionais (insatisfação, negligência e raiva), enquanto os homens por motivações sexuais, não sendo a motivação sexual um motivo isolado, mas sim envolvendo todo um contexto de insatisfação conjugal e negligência emocional (Apellániz, Scheeren, e Wagner, 2018).

No entanto, convém lembrarmos que os índices de infidelidade entre os homens são maiores que as mulheres, isso pode ser explicado pela maior criticidade feminina na avaliação de seus relacionamentos, pois são elas que normalmente tomam a iniciativa do divórcio como forma de enfrentamento às dificuldades conjugais, além disso para as mulheres a infidelidade extraconjugal não representa apenas uma *affair*, mas a busca por algo, como: carinho, compreensão e atenção onde não é encontrado em seu relacionamento (Apellániz, Scheeren e Wagner, 2018).

Sendo assim, a infidelidade, quando analisada a partir da ótica de gênero, ganha interpretações influenciadas por diversos conceitos e construções socioculturais. Para além

disso, observa-se que apesar da infidelidade ocorrer para ambos os gêneros, os caminhos percorridos até chegar a manifestação de tal comportamento são diferentes, e, tudo isso é sustentado por uma construção social dos gêneros. Todas essas questões acabam moldando as práticas sexuais e os relacionamentos amorosos (Santos & Santos, 2016).

5. Considerações finais

A discussão desenvolvida neste estudo fornece subsídios teóricos para a compreensão de como a masculinidade hegemônica sustenta-se no discurso da infidelidade. Como a sociedade e o homem contemporâneo lidam com a prática em relação aos dilemas sociais e morais. Para além disso, reconhecemos que a infidelidade é o resultado e a consequência da supremacia masculina, a aversão ao feminino, conceito tóxico e ultrapassado de masculinidade.

Observamos que, apesar dessa prática ser mais comum e naturalizada entre homens, ela é recorrente em ambos os sexos e deve ser analisada a partir de elementos individuais, contextualizada diante da vivência de cada ser, e mesmo que, essa conduta pareça ser socialmente aceita, é considerada transgressora e questionada por quem vive a experiência, podendo trazer sofrimentos psíquicos e gerar arrependimentos.

Por fim, reconhecemos as limitações da nossa análise e destacamos a importância de mais estudos que investiguem as construções midiáticas sobre o tema da infidelidade, contribuindo de maneira decisiva para o melhor esclarecimento de pontos que ficaram obscuros na nossa pesquisa. Além disso, faz-se necessário uma análise mais detida sobre a complexa relação entre as práticas de infidelidade e o processo de produção das masculinidades.

Referências bibliográficas

Arilha, M., Unbhaum, S., G., & Medrado, B. (1998). Homens e masculinidades: Outras palavras. ECOS.

Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. Journal of Social and Personal Relationships, 22(3), 339–360.

https://doi.org/10.1177/0265407505052440

Baumam, Z. (n.d). Modernidade Líquida.

https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf

Badinter, E. (2004). Por Mal Caminho. Madrid: Alianza.

Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. Estudos Avançados, 17(49), 117–133. https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008

Carvalho, P. (2021). O que motiva as pessoas a traírem? É possível perdoar "pulada de cerca"?. https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/01/18/o-que-motiva-as-pessoas-a trairem-e-possivel-perdoar-uma-pulada-de-cerca.htm

Carrasco, W. (2020). Masculinidade tóxica.

https://veja.abril.com.br/blog/walcyr-carrasco/masculinidade-toxica/

Costa, C., B., Cenci, C., M., B. (2014). A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. Pensando Famílias, 18(1), 19-34. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100003

Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. Journal of Personality and Social Psychology, 77(3), 509–524.

https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.3.509

Eccel, C. S. (2010). Subjetividades contemporâneas, trabalho e masculinidades (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul). http://hdl.handle.net/10183/19105

Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. Estudos de Psicologia (Natal), 8, 367–374.

https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300003

Francisco, A. S. (n.d.). O "macho" em crise: Apontamentos sobre as diferentes masculinidades e as diferentes pornografias (2016). https://www.academia.edu/32969274/O_macho_em_crise_Apontamentos_sobre_as_diferente s_masculinidades_e_as_diferentes_pornografias_2016_

Filho, P., O. A psicologia Social Discursiva (2013) (capítulo 8)

Gryzinski, V. (2021). Os homens não são todos iguais. Retrieved from https://veja.abril.com.br/blog/mundialista/os-homens-nao-sao-todos-iguais/

Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. J. de S., & Coelho, T. M. de F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. Acta Paulista de Enfermagem, 20(4), 504–508.

https://doi.org/10.1590/s0103-21002007000400020

João Silvério Trevisan. (1998). Seis balas num buraco só : a crise do masculino. Editora Record. Kimmel, M. S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos, 4(9), 103–117.

doi: https://doi.org/10.1590/s0104-71831998000200007

Lima, E., D. (2018). A produção de masculinidades na comunicação institucional da política

de saúde do homem no Brasil: entre fronteiras e sentidos (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco). https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30899

Lima, E., D., Medrado, B., Lyra, J., & Quirino, T., R. (2020). Masculinidades na publicidade governamental sobre saúde do homem no Brasil, 72(2), 155-174. doi: 10.36482/1809-5267.ARBP2020v72i1p.155-174

Lalasz, C. B., & Weigel, D. J. (2011). Understanding the relationship between gender and extradyadic relations: The mediating role of sensation seeking on intentions to engage in sexual infidelity. Personality and Individual Differences, 50(7), 1079–1083. https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.01.029

Marques de Paula, R. C., & Niemeyer da Rocha, F. (2020). Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. Revista Mosaico, 10(2Sup), 82–88. https://doi.org/10.21727/rm.v10i2sup.1835

Psic, C., Rio De Janeiro ; Psic, Clin, Rio De, & Janeiro. (2003). • 41 DIFERENÇA E IGUALDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO: REVISITANDO O DEBATE. 15(2), 41–52. https://www.scielo.br/j/pc/a/BVXTfbqbzJJYh7pwSkjdzpN/?lang=pt&format=pdf

Rasera, E. F. (2013). A Psicologia Discursiva nos estudos em Psicologia Social e Saúde. Estudos E Pesquisas Em Psicologia, 13(3), 815–834. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844512004

Santos, L. R. (2018). Crenças e vivências da infidelidade na contemporaneidade (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe). http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9288

Souza, C. (2021). Caso Gabi Brandt: desvio de caráter realmente justifica traição?.

https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/caso-gabi-brandt-desvio-de carater-realmente-justifica-traicao

Santos, L., R., Santos, E., C. (2020). Infidelidade, Satisfação Sexual e Conjugal e Habilidades Sociais entre Casais que Passaram por Traição. Pensando Famílias, 24(1), 67-78. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100006

Scheeren, P. A., Apellániz, I. A. M., & Wagner, A. (2018). Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres. Temas em Psicologia, 26(1), 355–369. doi: https://doi.org/10.9788/tp2018.1-14pt

Scheeren, P. A., Apellániz, I. A. M., & Wagner, A. (2018). Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres. Temas Em Psicologia, 26(1), 355–369.

https://doi.org/10.9788/tp2018.1-14pt

Silva, S. G. da. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. Psicologia: Ciência E Profissão, 26(1), 118–131.

https://doi.org/10.1590/s1414-98932006000100011

Seligman, M., P. Florescer.(2011) Rio de Janeiro: Objetiva. (Edição Digital)